

Saúde e informação. Tudo em comum



Halmélio Sobral Neto

Diretor do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN)

SOU MÉDICO E DIRETOR DE UM HOSPITAL, mas, antes e acima de tudo, sou um cidadão que convive e vive os mesmos problemas de todos. A dor de um paciente desconhecido é a mesma dor que eu sinto quando alguém conhecido, íntimo ou não, sente. E da mesma forma também não tolero o mau atendimento, seja ele num banco, numa repartição pública, no transporte coletivo ou, inclusive, num posto de saúde ou hospital.

Mas é preciso que a imprensa, livre e democrática, tenha um papel importante: o de verificar se uma denúncia procede, antes de publicá-la.

Freqüentemente constatamos na imprensa – jornal, rádio ou televisão – uma denúncia contra um médico ou mesmo o sistema de saúde sem que o fato tenha a relevância ou mesmo a verdade ali colocada. E já como um julgamento final, sem defesa.

O fato é mais grave ainda quando se sabe que a partir da porta de entrada de qualquer órgão da saúde existem profissionais abnegados, desde os médicos aos atendentes, enfermeiros, enfermeiras, secretárias e as pessoas que carregam macas ou trocam as roupas dos leitos.

Ali se trava uma luta diária, segundo a segundo, minuto a minuto, hora a hora, para salvar vidas, minorar os sofrimentos.

Ninguém, em sã consciência,

dentro de um posto de saúde ou hospital quer maltratar um paciente, seja quem for, tenha o que tiver.

E nós sabemos e entendemos que a dor do acompanhante de um paciente é, às vezes, até maior, pois existe o estresse, a angústia, o sofrimento de quem deseja o bem de seu ente querido.

E geralmente as queixas contra o atendimento partem exatamente dos acompanhantes.

O ser humano erra. Só que dentro de uma instituição de saúde o erro tem um custo maior: a vida

E a imprensa destaca, sem ter procurado saber da verdade ou até das condições em que o fato aconteceu, se aconteceu realmente. Mas fica a versão. E ela tem um resultado negativo atingindo todo um sistema, um trabalho abnegado de profissionais.

Fizesse a imprensa uma avaliação do mal que causa ao acusar – ou ser porta-voz da acusação – sem ter levantado o problema, quem sabe não teríamos tanta distorção, tanta injustiça e tanta dor daqueles que, dentro dos hospitais e centros de saúde dedicam suas vidas com cari-

nho e competência para salvar outras. Mas a notícia provoca uma corrente com grandes danos.

Existem erros? Claro, como em qualquer instituição onde o ser humano é a figura central. O ser humano erra. Só que o erro dentro de uma instituição de saúde tem um custo maior: a vida. E ninguém, ninguém mesmo, que habita aquele universo de correria, muitas vezes de falta de condições ou até mesmo da fatalidade que existe dentro de um hospital, deseja outra coisa que não seja salvar vidas, minorar as dores.

Todos os dias, nós, que formamos as equipes médicas, desde a cúpula da Secretaria de Saúde até os porteiros, queremos ver a alegria, ao invés do choro da dor. Não podemos sentir felicidade nem dormir quando sabemos que alguém sofreu, mesmo que tenhamos exaurido todos nossos esforços.

A imprensa deveria, antes de noticiar e julgar sem ver, ou de acusar sem procurar saber o que aconteceu, entender como e o que se passa dentro de um hospital.

Não desejamos que os erros, se existem, sejam escondidos ou não divulgados. Quando ocorrem e são comprovadamente publicados, para nós é um alerta.

Imaginem – como exemplo – o nosso HRAN, que recebe, diariamente, cerca de 5 mil pessoas para atendimento. E que ali tra-

balham em torno de 3 mil pessoas formando quase uma cidade dentro das paredes frias.

São 24 horas por dia sem interrupção na luta pela vida. É impossível que algo errado não aconteça. Mas nós estamos atentos. Desde o secretário de Saúde até o último funcionário.

Não escondemos os problemas. Mas não podemos, a cada discussão com um porteiro, ter todo um trabalho posto em xeque, como se nada funcionasse ou fosse mal feito.

O sistema de saúde de Brasília é o melhor do Brasil. Aqui se atende não o DF, mas o Brasil. Os dados comprovam que o atendimento médico supera os 6 milhões por ano, ou o triplo da população. E muitos casos que nos chegam são de pacientes em fase terminal ou vindos de acidentes pavorosos.

Mas ali, entre as paredes, correndo contra o tempo, as precárias condições, às vezes a falta de repouso e o estresse, equipes médicas dão tudo para salvar vidas. Sem heroísmo ou busca de manchetes. Apenas lutando.

Não deve a imprensa dar versões a cada coisa sem saber o real, porque não é justo com todos os profissionais que atuam no sistema de saúde do DF. Somos apenas seres humanos salvando vidas. Nós só queremos justiça. Não proteção nem omissão.